

A moratória tecnológica, a Universidade brasileira

Ivan Caetano
Machado(*)

Afinal,
por que es-
tamos de-
vendo mais
de US\$ 100
bilhões?



País de di-
mensão con-
tinental, geopo-
liticamente estraté-
gico, com um potencial hid-
relétrico superior a 200
mil MW, agraciado com
uma riquíssima história
geológica e metalogenética,
dotado ademais com
uma área agricultável, re-
cursos hídricos e costa
marítima invejáveis, o que
exatamente o Brasil teve
de importar para crescer
(e ficar devendo tanto)?

A resposta é muito sim-
ples: importamos tecno-
logia, isto é, inteligência e
criatividade adequadamente
aglutinadas, polarizadas e gerenciadas.

Importamos tecnologia
para fazer crescer nosso
parque siderúrgico, gerar
energia elétrica, implantar
um sistema moderno de te-
lecomunicações, ampliar
em bases sofisticadas nos-
sa indústria minero-
metalúrgica, nossa indús-
tria química, etc.

E provável que em certa
medida tenha valido a pena;
é provável também que
o risco tenha sido calculado
e planejado, malgrado mani-
feste reiteradamente o

delfim do milagre que não
vale a pena planejar.

Enfim, somos hoje uma
grande economia e aumenta-
mos muito nossa produ-
ção, isto é, avançamos
quanto ao primeiro proble-
ma de uma economia. Mas
regredimos quanto ao se-
gundo e derradeiro proble-
ma econômico: o da distri-
bução da renda gerada pe-
la produção.

Para pagar toda essa
massa de inteligência e
criatividade importada foi
montado um modelo exporta-
dor que chegou a gerar
um saldo mensal de US\$ 1,5
bilhão em nossa balança
comercial, financiado pela
miséria do povo, obrigado
que era a produzir a baixos
salários para tornar nossos
produtos mais competiti-
vos no mercado externo e
pelo desemprego, uma vez
que não sobravam recursos
para novos investimentos
no País.

E mais: o modelo exporta-
dor agravava acentuada-
mente o problema da con-
centração da renda. Além
disso, taxas flutuantes de
juros, "spreads" variáveis
e demais sadismos do siste-
ma financeiro internacio-
nal prolongavam a agonia
de um povo obrigado a pa-
gar uma dívida impagável.
E tudo isso aconteceu por-
que o País não dispunha de
substrato tecnológico para
crescer.

A metodologia de domi-
nação de pessoas e de po-

GAZETA MERCANTIL

10 MAR 1987

vos, antigamente celebrada
na força, foi evoluindo ao
longo da história (que o di-
ga Michel Foucault), pas-
sou pelas inteligentes escolas
de Sagres e Plymouth (a tecno-
logia da navegação marítima a serviço da colo-
nização), atingindo seu so-
fisticado estágio atual: a
dominação pela inteligên-
cia, criatividade, "know-
how" e informações admi-
nististradas, isto é, a domina-
ção pela tecnologia.

E preciso que se com-
preenda claramente esta
questão: não são os ban-
queiros nem o sistema fi-
nanceiro internacional que
estão pressionando o Brasil —
eles são meros agentes
de um poder político muito
maior e que se respalda em
uma bem montada massa
tecnológica própria.

O Plano Cruzado fez ruir
por terra o modelo exporta-
dor. Vencida num primeiro
instante a inflação inercial,
fortaleceu-se a nova moeda
e aumentou-se concomitan-
temente o consumo inter-
no, reduzindo-se, assim, o
agregado exportável. Os
brasileiros passaram a
consumir uma parcela
maior daquilo que produ-
ziam, diminuindo a um só
tempo o imposto mais con-
centrador de renda de que
se tem notícia — a inflação,
bem como o desemprego —
este por força de um aque-
cimento elevado e repenti-
no na demanda interna.

Pela primeira vez em um
longo período o nível de
desemprego não dependia das
exportações.

Continuamos a pagar a
dívida, agora já lançando
mão de reservas, compro-
metidos que estavam os
saldo da balança comer-
cial com a redução das ex-
portações e com as impor-
tações adicionais necessá-
rias para se sustentar con-
ceitualmente o Plano Cru-
zado até as eleições de 15
de novembro.

Ganhos as eleições, ces-
sam as importações e
edita-se o Cruzado II para
que o sistema de abasteci-
mento interno não entre em
colapso. Realinhama-se os
preços e volta a inflação.
Porém, nessa altura, já
consumidas nossas reser-
vas cambiais até o limite
estrategicamente suportá-
vel (US\$ 4 bilhões?), comu-
nica corajosamente o pre-
sidente Sarney (até por não
ter aparentemente outra
alternativa) a nossos cre-
dores a suspensão tempo-
rária do pagamento dos ju-
ros da dívida externa.

Repassada assim rapida-
mente mais uma história de
colonização tecnológica,
é muito importante que fa-
çamos a seguinte reflexão:
seja qual for a configura-
ção do Cruzado III, seja
qual for a reação interna-
cional à posição brasileira,
vamos repetir a dose? Ou
será que aprendemos e va-
mos de fato passar a inve-
tar em desenvolvimento
tecnológico no Brasil?

Não podemos nem deve-
mos nunca nos esquecer de
que o fulcro do cenário tec-
nológico de uma nação é a
sua Universidade. Tecno-
logia pressupõe Universida-
des.

de. Criado o Ministério da
Ciência e Tecnologia e pro-
postas algumas ações de
otimização no âmbito do
Ministério da Educação,
devemos sair rápida e efeti-
vamente da retórica e
passar à ação. A Universi-
dade brasileira precisa ser
prestigiada de fato, politi-
camente, com força, pois
caso contrário não logrará
êxito em nuclear, em con-
junto com a indústria, cen-
tros de pesquisa, empresas
de engenharia e demais
atores do cenário tecnológi-
co, uma massa crítica de
tecnologia suficiente para
embasar nossos próximos
crescimentos.

Alguém ainda duvida de
que tecnologia "de verda-
de" — a chamada tecnolo-
gia de ponta — requer o
concurso de uma Universi-
dade vigorosamente instru-
mentalizada? Ou será que
alguém ainda duvida de
que se insistirmos em im-
portar tecnologia nossos fi-
lhos herdarão um curral-
do-mundo?

Tecnologia própria é po-
der político, além de meca-
nismo de distribuição indi-
reta de renda.

Tecnologia é democra-
cia. Somente com ela é que
podermos acabar de vez
com o modelo exportador e
dependente a que se sub-
mete o Brasil desde 1500.

(*) Superintendente de
coordenação de projetos da
EPC — Engenharia Projeto
Consultoria Ltda., de Belo Ho-
rizonte, e engenheiro de mi-
nas.